

VIKAS SWARUP

A HERDEIRA ACIDENTAL

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ELSA T. S. VIEIRA

ASA

ÍNDICE

<i>Prólogo</i>	9
PRIMEIRO TESTE	
Amor no Tempo do <i>Khap</i>	57
SEGUNDO TESTE	
Diamantes e Ferrugem	114
TERCEIRO TESTE	
Sonhos Fechados à Chave	142
QUARTO TESTE	
A Cegueira da Fama	175
QUINTO TESTE	
O Atlas da Revolução	206
SEXTO TESTE	
150 Gramas de Sacrifício	246
SÉTIMO TESTE	
Chuva Ácida	290
<i>Epílogo</i>	385
<i>Agradecimentos</i>	393

PRIMEIRO TESTE

Amor no Tempo do Khap

– Bem-vindo, meu caro senhor, gostaria de ver a nossa seleção de televisores de ecrã gigante? Temos algumas ofertas fantásticas, neste momento. – Sorrio ao cliente com o entusiasmo adulator de uma apresentadora do canal de vendas.

É sábado, dia 18 de dezembro. Passou uma semana desde o meu encontro com Acharya e a minha mente tem estado repleta de preocupação. Em toda a minha vida, nunca tive medo de exames, mas basta-me pensar nos testes de Acharya para sentir um aperto na boca do estômago. Principalmente, porque não sei nada sobre eles, e essa incerteza está a afligir-me. Ainda por cima, a loja transformou-se numa casa de loucos. A febre do campeonato mundial está a atingir o auge e as nossas vendas de televisores dispararam. Esta manhã, um frenesim de excitação percorreu os empregados quando nos disseram que a atriz de Bollywood Priya Capoorr visitará a loja dentro de duas semanas. É embaixadora de marca da Sinotron Corporation e virá promover os mais recentes modelos de televisores.

Também houve outros desenvolvimentos. Temos um novo empregado de caixa chamado Arjun Soni, um porco gordo que está sempre a comer amendoins e responde a perguntas com outras perguntas. Neelam, uma das vendedoras, despediu-se e vai sair no

próximo mês, para se casar. O rapaz é um indiano que reside em Estocolmo. Ela está entusiasmada com a ideia de ir para a Suécia, um país sobre o qual não sei praticamente nada.

À tarde, o gerente chama-me ao seu cubículo.

– Sapna, estive a ver os seus números de vendas. Está novamente em primeiro lugar – diz-me, com um sorriso radiante. O sorriso forçado, com os dentes amarelos, faz-me lembrar um antigo vilão de filmes indianos chamado Jeevan, o que me deixa instantaneamente de sobreaviso. Madan só sorri quando quer extorquir um favor a um funcionário, como pedir-nos para ficar até mais tarde ou para vir trabalhar ao domingo.

– Lembra-se do senhor Kuldip Singh, o homem que comprou um carregamento de artigos a semana passada? – continua.

– Refere-se ao agricultor de Haryana?

– Sim, sim. – Madan acena com a cabeça. – Bom, telefonou hoje para dizer que ninguém em casa dele sabe trabalhar com os aparelhos. Quer que alguém da loja vá à aldeia e lhes explique o modo de funcionamento. Compreende?

– Sim. Porque não manda um dos vendedores?

– O problema é esse. – Madan suspira. – Ele só a quer a si. Pelos vistos, ficou muito impressionado consigo. Portanto, eis o que lhe proponho: queremos que vá à aldeia dele amanhã e o ensine a trabalhar com o televisor e a máquina de lavar roupa e o sistema de som e o leitor de DVD. Suportaremos os custos de viagem e receberá ainda quinhentas rupias para despesas.

– Não vou perder o meu domingo apenas por quinhentas rupias.

– Pense nisso como dinheiro fácil. Descobri que são apenas três horas de viagem até à aldeia de Chandangarh. Pode facilmente ir de manhã e voltar à noite. Está bem?

– Não está bem. Como pode pedir a uma mulher solteira que vá sozinha a uma aldeia remota?

– Compreendo, compreendo. – Madan abana a cabeça. – Mas o Gulati *sahib* consideraria isto um favor pessoal. Por favor, só desta vez – implora.

– Este domingo não posso – digo, e abano a cabeça com ar sério. – É o aniversário da Alka.

– Quem é a Alka?

– A minha irmã que morreu há dois anos.

– Porque é que os mortos têm de interferir nos assuntos dos vivos? – resmunga ele entre dentes, antes de assentir com a cabeça com ar resignado. – *Theek hai*, está bem. Pode então ir na segunda-feira?

– Sim, isso pode ser. Mas fico poucas horas na aldeia. A que horas é que o táxi estará em minha casa na segunda-feira?

– Táxi? Quem pensa que é? A Priya Capoorr? Vai de autocarro, entendido?

Apetece-me mandá-lo passear, mas há um limite até onde se pode ir com Madan, e acho que já estou muito próxima desse limite hoje.

Se alguma vez chegar a ser diretora do Grupo CEA, a primeira coisa que farei será comprar a Gulati & Sons e pôr Madan a varrer o escritório. Por enquanto, contudo, aceno simplesmente com a cabeça e engulo o orgulho.

A casa enche-se de um ar de melancolia profundamente perturbador. O silêncio cruel e trocista do destino. Hoje é o aniversário de Alka. Faria dezassete anos, se fosse viva. A minha mãe limpa os olhos. Eu tenho um nó na garganta que se recusa a desaparecer. O ambiente de homenagem e penitência envolve-me no seu abraço sufocante.

Não houve um único dia, nos últimos dois anos, em que eu não pensasse em Alka. Os mortos não morrem. Simplesmente transformam-se em fantasmas, a pairar no ar, a assombrar os nossos pensamentos, a invadir os nossos sonhos. A ausência de Alka assombra-me todos os dias, mas hoje mais do que nunca. Há algo particularmente cruel em estar vivo no dia de aniversário de uma irmã morta.

Enquanto estou sentada a olhar para a fotografia dela, consumida pelo sentimento de culpa dos sobreviventes, a minha mente enche-se de memórias do nosso tempo em Nainital.

Vivíamos no número 17, uma grande casa de quatro quartos no *campus* da Academia Windsor, uma escola interna para rapazes onde o meu pai era o professor de Matemática mais antigo. A escola, construída na década de 1870, é como uma fortaleza vitoriana que se estende por mais de quarenta hectares de terreno, completa com torreões guarnecidos de ameias, espirais de pedra e anjos e gárgulas embutidos na fachada gótica do edifício principal. Empoleirada no cimo de uma colina verde, está rodeada por montanhas brumosas e por florestas de carvalhos, pinheiros e cedros dos Himalaias. Da nossa casa, até conseguíamos ver o lago Naini, em forma de olho, com o seu brilho sombrio.

O papá estava há muito ligado à Academia, onde começara a sua carreira de professor em 1983 e onde trabalhara de forma ininterrupta durante mais de vinte e cinco anos. Éramos uma família da classe média e levávamos uma vida sossegada. A atmosfera na nossa casa era de disciplina, responsabilidade e poucas extravagâncias. Em muitos aspetos, era uma vida idílica, de solidão tranquila e estudo diligente, pontuada por tempestades de verão, viagens de barco indolentes no lago e excursões de inverno ao nosso lar ancestral, na pequena cidade de Hardoi.

Embora tivéssemos crescido juntas na mesma casa, eu e as minhas duas irmãs tínhamos personalidades e maneiras de ver a vida muito diferentes. Eu era a totó, tímida e intelectual. Neha era a exibicionista snobe. E Alka era o espírito livre que marchava ao som da sua própria música. Tinha um grande sentido de humor e encontrava alegria nas mais pequenas coisas. Era exuberante, animada, espontânea, extravagante, por vezes quase imprudente. Porém, assim que mostrava o seu sorriso endiabrado e dizia «*Kamaal ho gaya!*», tudo lhe era perdoado. Ela era a luz dos meus olhos, a alma da festa, o coração da nossa família.

Fomos educadas num ambiente de dever regimentado, em que as regras eram mais importantes do que os sentimentos. Alka, Neha e eu frequentávamos o Convento de Santa Teresa, um colégio interno inglês exclusivo, para raparigas, gerido por freiras católicas. Éramos, as três, bolsieras externas, um privilégio conquistado em virtude do emprego do papá na Academia Windsor, que tinha um acordo recíproco com o convento. A irmã Agnes, a reitora tirânica, tinha ideias muito claras sobre aquilo que como raparigas, devíamos fazer, o que não devíamos fazer e aquilo que nunca podíamos fazer. Em casa, o nosso pai aplicava o mesmo código de conduta rigoroso, que incluía um recolher obrigatório às oito horas. Sem disciplina, só existe anarquia, costumava ele dizer. Sendo professor de Matemática, reduzira o seu mundo ao binário de preto e branco, bom e mau. Não havia tolerância para tons de cinza no seu universo.

Também tinha planeado o futuro das três filhas. Eu, a estudiosa, seria funcionária pública. Neha, a bonita, seguiria carreira como jornalista de televisão. E Alka, a mais compassiva, seria médica.

Como filha obediente, fiz o que o meu pai esperava de mim. Distingui-me na escola e depois inscrevi-me no bacharelato na Universidade de Kumaun. Embora a minha área fosse Literatura Inglesa, lia tudo o que conseguia apanhar. Desde o ciclo de vida de uma traça ao ciclo de combustível de uma central nuclear, dos buracos negros às nuvens de Brown e à computação em nuvem, eu devorava toda e qualquer informação, para aperfeiçoar a minha cultura geral, algo essencial para ter sucesso no exame de funcionária pública.

A regra mais importante do meu pai tinha, inevitavelmente, que ver com rapazes. Alguns anos antes, um professor seu colega, o senhor Ghildayal, ficara escaldado pelo romance secreto de Mamta, a sua filha de 18 anos, com o delegado da escola, que resultara numa gravidez inesperada, e o papá morria de medo de que a nossa família se visse ligada a um escândalo semelhante.

– Se apanhar alguma das minhas filhas a olhar sequer para um rapaz, arranco-lhe o couro – ameaçava-nos. No entanto, não podia

impedir que os rapazes olhassem para nós, ou melhor, para Neha e Alka. Eram as raparigas mais bonitas num *campus* cheio de hormonas, onde cada dia trazia um novo despertar sexual a alguma pobre alma atormentada. Os rapazes eram, na sua maioria, meninos ricos e mimados de sítios como Deli, Bombaim e Calcutá, que tinham sido castigados pelos pais e estavam determinados a aproveitar ao máximo a sua nova liberdade. A Academia Windsor orgulhava-se de ser uma utopia académica. Na verdade, era um antro de corrupção e degradação. No *campus*, circulavam livremente todo o tipo de materiais pornográficos e bebidas alcoólicas. Até havia rumores sombrios de abuso de drogas e visitas de prostitutas.

Eu estava demasiado concentrada nos estudos para reparar em rapazes. Neha tratava-os com absoluto desprezo. Chegara bem cedo à conclusão de que não era em Nainital que queria passar o resto da vida, e evitava os habitantes locais como se tivessem a peste. Restava a nossa irmã mais nova, Alka. Era uma estudante adolescente, a tentar lidar com as mudanças do corpo. Embora estivesse a crescer fisicamente, a nível emocional era apenas uma miúda que ainda acreditava na Fada dos Dentes. Para mim, os rapazes eram uma distração evitável; para Neha, um divertimento passageiro; mas, para Alka, eram um enigma sedutor, visto através da perspectiva cor-de-rosa dos romances da Mills & Boon, em que era viciada. As severas admoestações do papá de pouco serviam para a afastar do seu fascínio por esse mundo efémero de fantasia, de heróis arrojados e donzelas em perigo. Dada a sua inocência, o seu jeito de ser despreocupado e o seu absoluto desdém pela autoridade, era apenas uma questão de tempo até que algum Romeu predador lhe desse a volta à cabeça.

Aconteceu mais cedo do que eu esperava. Tive o primeiro indício de que se passava alguma coisa por ocasião do décimo quinto aniversário de Alka.

O papá não gostava de festas de aniversário, que considerava, a par do Dia dos Namorados, uma importação ocidental para promover o comercialismo grosseiro. A única exceção que fazia era

permitir que Neha e eu distribuíssemos doces pela nossa turma no nosso dia de anos. Apenas Alka, a mais mimada das três, podia ter festas de aniversário. Eram sempre encontros modestos, consistindo apenas de bolo, algumas colegas de escola e um presente pouco dispendioso, geralmente um livro.

O décimo quinto aniversário de Alka teve o bolo e bolachas obrigatórios, os habituais jogos e divertimentos. No entanto, além da sua exuberância típica, naquele dia ela emanou uma sexualidade em bruto, até então escondida. Nessa noite, enquanto inspecionava os presentes dela, encontrei um frasco de perfume *Poison*, da *Christian Dior*, disfarçadamente arrumado entre as suas roupas.

– Uau! Que sorte! – Revirei os olhos. – Mas quem, em Nainital, é que tem dinheiro para comprar um presente destes?

Com um sorriso encantador, Alka encolheu os ombros e tentou minimizar a ocasião.

– *Kamaal ho gaya didi!* A Rakhi, a avarenta, tornou-se subitamente generosa.

Eu sabia que ela estava a mentir. Rakhi Rawat era sua colega em Santa Teresa. No ano anterior, dera a Alka uma arca do tesouro de plástico que custara cinquenta rupias. Era impensável que lhe tivesse oferecido um perfume importado que custava pelo menos três mil.

Houve outros sinais. Durante as duas semanas de férias de Natal, quando a Academia estava fechada, apanhei Alka a escrever cartas furtivas, que depositava sub-repticiamente na caixa de correio encarnada junto dos portões principais da escola. Quando a confrontei, disse-me que eram para uma correspondente no Brasil. Mais preocupante do que tudo o resto, as notas dela baixaram ligeiramente. Alka começou a ter insónias, perdeu o apetite.

Tive provas conclusivas no dia em que a Academia reabriu. Ao voltar da biblioteca, ao final do dia, ouvi sons abafados provenientes de trás do ginásio da escola, deserto àquela hora. Quando me aproximei, vi uma rapariga e um rapaz unidos num beijo apaixonado por baixo de um carvalho. A rapariga tinha as mãos nos ombros do

rapaz e ele estava a beijá-la nos lábios. Separaram-se assim que deram pela minha presença. O rapaz deu meia volta e correu pela colina abaixo, desaparecendo no meio de um pinhal. Não consegui ver-lhe o rosto, mas o casaco verde e as calças cinzentas denunciavam-no: era o uniforme da escola. A rapariga tentou desviar o rosto e fugir de mim, mas segurei-lhe a mão. Era Alka.

Nessa noite, fomos dar um longo passeio. Ela recusou-se a dizer-me o nome do rapaz ou a contar-me qualquer outro detalhe sobre ele, exceto afirmar que era o rapaz mais espetacular do planeta e que era filho de um homem de negócios muito rico de Deli.

– Estou apaixonada, *didi* – repetiu várias vezes, chegando mesmo a trautear uma canção de amor pirosa.

– Ninguém se apaixonava com quinze anos, Alka – aconselhei. – Isso é apenas uma paixãoeta. O rapaz está a tentar aproveitar-se de ti.

– O amor não tem limite de idade, *didi* – retorquiu ela. – Acontece quando tem de acontecer. E dura a vida inteira. Verás, quando eu me casar com ele.

– E o que dirá o papá quando souber do teu romance?

– Ele não vai descobrir. Sei que guardarás o meu segredo, *didi*. És a única pessoa a quem confiaria a minha vida.

– Nesse caso, tens de confiar em mim quando te digo que o que estás a fazer é não apenas irresponsável e errado, mas também incrivelmente estúpido.

Apesar de recorrer a todos os argumentos, todas as ameaças, e toda a minha influência, não consegui persuadir Alka a pôr fim à relação. Ela era tão obstinada e teimosa quanto eu era insistente e persuasiva. Por fim, chegámos a uma espécie de acordo. Arranquei-lhe a promessa de que ela suspenderia temporariamente a relação com o rapaz. Em troca, eu não falaria daquilo a ninguém, muito menos ao papá.

Embora eu confiasse em Alka, comecei a controlá-la discretamente a partir desse dia, chegando mesmo a remexer nas coisas dela quando não estava no quarto. Passaram-se duas semanas sem

quaisquer incidentes e depois, uma noite, descobri um pequeno embrulho que ela escondera dentro da biqueira do sapato. Era um envelope enrolado. Lá dentro, havia um saquinho de plástico transparente com uma substância em pó, acastanhada. Parecia um pacote de açúcar amarelo, mas eu vira filmes suficientes para saber que aquilo era heroína.

Chamei Alka ao meu quarto e fechei a porta.

– Como é que isto veio parar às tuas mãos? – perguntei friamente, com o pacote na mão.

– Onde é que encontraste isso? – quis ela saber, temerosa e agitada.

– Responde à minha pergunta. Quem é que te deu isto? – repeti, em tom severo.

– O meu namorado – respondeu ela de olhos baixos.

– Pensava que te tinhas afastado dele.

– Tentei, mas não consigo – gemeu. – Ele é o meu oxigénio. Morrerei, sem ele. E ele morrerá sem mim. Quase cortou os pulsos no dia em que lhe disse que não podia continuar a vê-lo.

– Isso só prova que é louco, além de ser traficante de droga.

– Ele não é traficante. E eu não ando metida na droga. Só consumimos uma vez. Apenas como experiência.

– Uma experiência que pode viciar-te e até acabar por te roubar a vida.

– Porque tens de levar tudo tão a sério, *didi*?

– Não há nada mais sério do que drogas, Alka. Traíste a minha confiança. Não posso esconder isto. Tenho de contar ao papá.

– Não, *didi*! – pediu ela com veemência, agarrada ao meu braço. – Juro que me mato se disseres alguma coisa ao papá.

– As drogas matar-te-ão antes disso, Alka – respondi, e afastei-a.

O papá estava a ler o jornal quando entrei no escritório dele.

– A sua filha Alka começou a consumir drogas. Por favor, trate dela – disse-lhe, sem preâmbulos, largando o pacote de plástico no colo dele como se fosse uma casca de banana.

Nessa noite, tivemos a mãe de todos os confrontos em nossa casa. O papá era famoso na Academia pela sua ética e disciplina rígidas. Considero-me uma rapariga de sorte por ter herdado apenas a sua pele escura, não o seu temperamento sombrio. O papá sempre acreditou que estava destinado a voos mais altos, que dar aulas a crianças estava abaixo dele. E descarregava nelas a sua frustração. Ainda corriam histórias sobre o dia em que açoitara um aluno, que cometera o erro de trazer para a sala de aula um exemplar contrafeito da revista *Playboy*, até o rapaz estar reduzido a uma massa trémula de carne pisada. Os alunos encolhiam-se na presença dele. Os seus testes eram capazes de reduzir qualquer um a lágrimas. A escola estava ciente do seu estado emocional irascível, mas tolerava-o porque ele era pura e simplesmente um professor de Matemática extraordinário, talvez o melhor do país. Conseguia fazer cálculos mais depressa do que um computador, resolver qualquer equação, provar qualquer teorema.

O que ele não sabia era como lidar com as pressões e a ansiedade de uma adolescente de quinze anos. Pensei que ele teria uma conversa franca com Alka, que tentaria meter-lhe juízo na cabeça através da força moral da sua personalidade. Em vez disso, o confronto degenerou rapidamente numa discussão ruidosa, repleta de drama beligerante, gritos e berros.

– Posso pôr-te na prisão por posse de drogas – disse o papá, tentando assustar Alka.

– Então ponha – ripostou Alka. – Serei mais feliz do que nesta prisão a que chamam casa.

Disseram-se muitas coisas a quente que não deviam ter sido ditas. O papá acusou Alka de ser uma miúda mimada, uma vergonha para o nome da família. Alka acusou-o de ser um tirano:

– As suas expectativas são irrealistas, os seus testes são impossíveis. – O golpe mais cruel foi quando o acusou de ser um cobarde. – Toda a escola se ri de si nas suas costas. Não passa de um falhado perverso e patético, que não merece qualquer respeito! – gritou ela.

Foi como se um vulcão tivesse entrado em erupção.

– Como te atreves?! – troou o papá, com o sangue a subir-lhe ao rosto enquanto se levantava de um salto. – Como te *atreves*?! – repetiu, e esbofeteou-a, atirando-a ao chão.

A mamã, Neha e eu olhámos para ele, aturdidadas e horrorizadas. Era a primeira vez que o meu pai levantava a mão para uma das filhas.

Alka levantou-se. Tinha um grande vergão vermelho na face e um arranhão no braço. Os seus olhos escuros cintilaram com uma fúria incandescente que teria derretido pedra. Olhou para todos nós e, por fim, o seu olhar parou em mim. Senti um raio *laser* de ódio puro e incontido trespassar-me a alma.

– Odeio-te, odeio-vos a todos – disse ela entre os dentes cerrados. Depois, correu para o quarto e trancou a porta por dentro. Implorei-lhe que me ouvisse, tentei desesperadamente convencê-la a abrir a porta, mas ela recusou obstinadamente.

Eu mereci o ódio dela. Mereci tudo o que ela me disse nessa noite.

– Ela que apodreça no quarto – disse o papá, em tom desdenhoso. – Foi a nossa complacência excessiva que permitiu que as coisas chegassem a este ponto.

Nenhum de nós jantou nessa noite.

O dia seguinte foi 26 de janeiro, Dia da República na Índia. A escola estava transformada, com faixas cor de açafião, verdes e brancas, as cores da bandeira indiana, espalhadas pelo *campus*. A bandeira tricolor esvoaçava orgulhosamente nos postes altos do campo desportivo. Comecei a ouvir os alunos ensaiar canções patrióticas desde bem cedo, as suas vozes fortes a intensificar o fervor festivo. Alka, contudo, ainda não saíra do quarto, e eu estava a ficar um pouco preocupada. Bati várias vezes à porta, mas sem resposta. Assim, aproximei-me pelo jardim das traseiras. Quando reparei que a janela do quarto dela estava aberta, a minha primeira reação foi pensar que Alka fugira. Em fundo, ouvia-se o som de «Hum

Honge Kamyab» a ser cantada pelos rapazes no átrio aberto. «Triunfaremos... Triunfaremos... Um dia triunfaremos...»¹

Afastei um pouco a cortina grossa e um raio de sol penetrou na penumbra do quarto. Sob essa luz cortante, vi uma cena que me gelou até aos ossos. Alka estava pendurada na ventoinha do teto, com a cabeça tombada para o lado. Tinha uma *dupatta*² amarela enrolada ao pescoço. A pequena cadeira de madeira do seu quarto estava tombada no chão.

Fui acometida por uma tontura.

– Papá! – gritei, e recuei aos tropeções, afastando-me da janela.

*Caminharemos de mãos dadas, caminharemos de mãos dadas,
Um dia caminharemos de mãos dadas;
Oh, no meu coração eu acredito,
Um dia caminharemos de mãos dadas.*

Lembro-me de tudo o resto como se tivesse acontecido em câmara lenta, através de um véu de lágrimas. O papá a abrir a porta do quarto de Alka com um pontapé, ofegante e agitado como se a casa estivesse em chamas. A mamã a subir para cima da cama e a segurar o corpo inerte de Alka, para retirar o seu peso do tecido do qual estava suspensa. Neha a trazer a faca que usámos para o cortar.

*Nada receamos, nada receamos,
Nada receamos neste dia;
Oh, no meu coração eu acredito,
Nada receamos neste dia.*

Era tarde de mais. A vida já abandonara a minha linda irmã. Deitámo-la na cama e desamarrámos o lenço amarelo do seu pescoço.

¹ Este e os seguintes versos fazem parte da canção de protesto que se veio a tornar o hino do Movimento dos Direitos Civis dos Negros nos EUA, *We Shall Overcome*. (N. da T.)

² Lenço comprido que as mulheres usam sobre a cabeça ou os ombros. (N. da T.)

Era um lenço que eu nunca tinha visto. O rosto dela estava pálido e sereno. Os pés descalços estavam azulados, devido à acumulação de sangue. Uma coloração conhecida como coloração *post mortem* ou hipóstase. Mais uma informação absolutamente inútil que eu retirara da minha base de dados de cultura geral. Na mão direita, Alka tinha uma folha de papel. Gentilmente, abri-lhe os dedos frios e tirei-a. Escritas na sua caligrafia encantadora e infantil, estavam as palavras: «O amor nunca morre. Simplesmente adquire outra forma.» Lembrei-me de que era o *slogan* de um filme hindi que víamos recentemente na televisão, uma tragédia dos dias modernos. E, depois, uma última frase: «Perdoo-vos a todos.»

Embalei a minha irmã morta nos braços, de ombros curvados, enquanto sucumbia à cruel realidade de que os nossos caminhos nunca mais se cruzariam na Terra. O coração dela era quase demasiado grande para este mundo. Em vida, tocara-nos a todos com a sua presença radiante, a sua bondade e a sua graça. E, mesmo na morte, optara por nos perdoar. Tal como a irmã Agnes costumava dizer-nos sobre Jesus, Alka redimira-nos através do seu sangue. Nunca a compreendemos completamente, e agora ela partira para sempre e fazia-nos sentir muito pequenos.

*A verdade libertar-nos-á, a verdade libertar-nos-á,
Um dia a verdade libertar-nos-á;
Oh, no meu coração eu acredito,
Um dia a verdade libertar-nos-á.*

A polícia veio, e depois chegou uma ambulância, que levou o corpo de Alka. Os vizinhos reuniram-se e falaram em tom triste sobre a inevitabilidade do destino. O diretor da Academia apareceu também, arrancado ao seu discurso do Dia da República. Parecia mais preocupado com a perturbação do programa do que com a nossa perda. A minha mãe e Neha nem repararam nele. Estavam ocupadas a carpir. Eu não chorei. Fiquei ali sentada, como uma rocha imóvel, com o rosto paralisado num ricto retorcido de choque

total, misturado com uma dor avassaladora. A imagem final da minha irmã morta ficou-me gravada na memória para sempre.

*Viveremos em paz, viveremos em paz,
Um dia viveremos em paz;
Oh, no meu coração eu acredito,
Um dia viveremos em paz.*

Não havia paz. Havia apenas culpa, no rescaldo desta tragédia que nos deixara aturdidos. Primeiro, vieram os pesadelos, que me faziam acordar a meio da noite encharcada em suor e sem conseguir respirar. Depois, vieram os ataques de pânico, causados pelas feridas infetadas da memória. A realidade tornou-se um filme psicadélico, cheio de cortes abruptos e de imagens estáticas do corpo morto de Alka a balouçar na brisa. Cheguei a um ponto em que não conseguia olhar para uma ventoinha de teto sem ter vômitos. A minha mãe tinha ataques de ansiedade perante qualquer tecido amarelo.

O fantasma de Alka perseguia-nos, a todas as horas de todos os dias. A casa do número 17 estava saturada do cheiro dela, repleta da sua presença. Todas as pequenas coisas no seu quarto nos recordavam dela. Cada fotografia antiga desencadeava um novo acesso de autoflagelação. Por fim, não aguentámos mais. Uma vez que a história não podia ser alterada, decidimos mudar a geografia.

Foi Neha que sugeriu que nos mudássemos.

– Vamos para outro lado qualquer, longe de Nainital. Morrerei se ficar aqui.

O papá aceitou a sugestão, quase aliviado. A nódoa do escândalo que sempre tivera tanto cuidado em evitar espalhara-se muito além do *campus*, manchando a sua carreira e desgastando a sua autoestima. Até ele ansiava por se libertar da humilhação diária que enfrentava nos olhares críticos dos colegas e nos risinhos maliciosos dos alunos. Assim, guardámos os nossos bens em quatro baús e

trocámos o conforto frio de Nainital pelo ar quente e húmido de Deli, a 320 quilómetros de distância.

Livres da claustrofobia incestuosa da pequena Nainital, procurámos reconstruir as nossas vidas enxertando-nos no anonimato rude da metrópole. A morte de Alka ensinara-me o sentido da vida, como ela é frágil e como a tomamos por garantida, despreocupadamente. Acordava muitas manhãs com a certeza gelada de que aquele dia podia muito bem ser o meu último dia à face da Terra. Depois de começarmos a viver com a consciência da morte, ganhámos uma urgência, uma intensidade e uma concentração na vida. Ela ensina-nos a levar uma existência menos trivial, impele-nos a procurar o máximo valor possível para as nossas ações. Comecei a dar sangue regularmente para a Cruz Vermelha. Depois da primeira vez que o fiz, descobri que o meu tipo de sangue era um dos mais raros do mundo, o grupo sanguíneo de Bombaim. Apenas quatro pessoas em cada milhão o têm. Agora, quando há uma necessidade urgente, a Cruz Vermelha telefona-me, manda um carro buscar-me. Sou a sua dadora de sangue mais valiosa.

Também fiz voluntariado na Escola dos Cegos, até arranjar o emprego na Gulati & Sons. Agora, só tenho tempo livre aos domingos, e uso-o para ensinar inglês a um grupo de miúdos dos bairros de lata próximos da nossa colónia. O que significa que, muito em breve, Suresh, Chunnu, Raju e Aarti estarão a bater-me à porta.

Enquanto a vaga de memórias se esbate, começo à procura do *Simple English Reader*, que uso como manual informal para a minha pequena turma. Descubro que é Neha que tem o livro, e está a usá-lo como base para o copo de *Diet Coke* que bebe com gosto. Não parece afetada pelo aniversário de Alka. Longe de se sentir melancólica, está positivamente fervilhante de entusiasmo.

– Lê isto, *didi!* – exclama, e estende-me uma carta.

É da organização do *Popstar N.º 1*, um popular concurso de talentos para o qual ela fez audições. Dos 500 000 candidatos, Neha foi selecionada para as audições finais em Bombaim, onde vinte

dos melhores cantores serão escolhidos para o programa de televisão. Quatro diretores musicais serão os «gurus» do júri.

– É a oportunidade por que esperei a vida inteira. *Bas*, vou ser uma estrela, *didi*, vais ver! – guincha.

Sorriso tristemente a Neha, maravilhada com a beleza do acaso, os truques do destino. Alka deslumbra-me novamente, do seu retrato na parede. Talvez esteja a orquestrar tudo isto de onde quer que se encontre, ainda a redimir-nos, a dar-nos segundas oportunidades. Olho para os seus olhos quentes e brilhantes. – *Kamaal ho haya!* É incrível! – Quase consigo ouvir a sua voz melodiosa a ecoar na sala.

Os mortos não morrem. Enquanto os recordarmos, estão vivos nos nossos corações.

Na manhã de segunda-feira, o ar está limpo e fresco, com a temperatura a rondar os dez graus centígrados. É aquele tempo que nos faz desejar estar enroscados na cama. Em vez disso, estou no Terminal Rodoviário Interestadual de Maharana Pratap, em Kashmiri Gate, ao qual todos se referem simplesmente como TRIE. O local está cheio de pessoas de todos os géneros – executivos, estudantes, peregrinos e turistas – prestes a embarcar em viagens para destinos espalhados pelo Norte da Índia. O meu destino é Karnal, pois não há autocarro direto de Deli para Chandangarh, a aldeia do senhor Kuldip Singh.

Escolhi vestir-me de forma conservadora, com um *salwar kameez* branco-sujo e uma *dupatta* que é quase invisível sob a gola do meu sobretudo cinzento-escuro. Uma pequena mala contém tudo o que preciso para a viagem: alguns *snacks* salgados, uma garrafa de água *Bisleri* e um livro amarelecido de poemas de Anna Akhmatova.

Na plataforma 18, fico agradavelmente surpreendida quando descubro que o meu autocarro é um *Volvo* novinho em folha, com bancos reclináveis e apoios ajustáveis para os braços. O meu lugar

é junto à janela, ao lado de uma jovem de calças de ganga, com cabelo curto e franja, que parece ter mais ou menos a minha idade. Não é bonita no sentido convencional, com o cabelo curto e o rosto quadrado, mas parece-me estranhamente familiar. Apetece-me falar com ela, mas vejo que está completamente concentrada no telemóvel. Uma vez que não quero incomodar, mergulho também no livro assim que o autocarro arranca, às nove horas em ponto.

O progresso é lento enquanto estamos na cidade, mas, assim que entramos em Grand Trunk Road, o *Volvo* acelera. A autoestrada de quatro faixas serpenteia como uma fita preta pelo território plano, salpicado de pequenas quintas, fornos de tijolo e manchas urbanas. A viagem é tão suave, que quase me embala.

Por fim, a mulher sentada ao meu lado farta-se do telemóvel. É então que me viro para ela.

– Desculpe, mas não nos conhecemos?

Ela sorri.

– Não me parece, mas talvez me tenha visto na televisão.

– É atriz?

– Sou repórter de investigação da Sunlight TV.

– Claro – respondo, quando se faz lentamente luz e a reconheço. Não vejo muito frequentemente a Sunlight TV, mas o canal noticioso é conhecido pelas suas denúncias ousadas («Como o sol que entra numa sala escura e a ilumina, nós revelamos factos ocultos» diz o *slogan* do canal).

– Olá! Chamo-me Shalini Grover. – Ela estende a mão, e aperto-a com gosto.

Fico a saber que Shalini vai a caminho de Panipat para investigar um caso de homicídio de honra que ocorreu seis meses antes. Conta-me que os dois membros de um jovem casal – Mahender e Ragini – foram assassinados pelos respetivos pais e atirados para um canal de irrigação, simplesmente por terem desafiado o tabu contra casamentos entre membros da mesma subcasta.

– Homicídios de honra, na Índia? – Ergo as sobranceiras.
– Pensava que esse tipo de coisas só acontecia no Afeganistão tribal.

– Nunca ouviu falar de *khap panchayats*? – pergunta ela.

Abano a cabeça. Depois de as minhas aspirações ao funcionalismo público caírem por terra, deixara de tentar aperfeiçoar a minha cultura geral.

– Os *khap panchayats* são estruturas sociais existentes em Haryana, no Uttar Pradesh e no Rajastão, que administram a sua própria forma de justiça violenta. São como conselhos, formados com base na casta, e consideram-se guardiões de uma moralidade medieval. Uma das suas prioridades é impedir casamentos por amor entre membros da mesma *gotra* ou subcasta. Os jovens casais que desafiam as suas *fatwas* têm sido ostracizados, espancados, forçados a viver como irmãos e até mortos. São piores do que julgamentos combinados.

– Sim, mas como é que os pais conseguem matar o próprio filho?

– Conseguem, quando a honra é considerada mais importante do que a vida de um filho ou filha. Estes *khaps* têm tido demasiada rédea livre. São compostos por rufias assassinos, que pretendem apenas perpetuar uma ordem feudal e patriarcal. Até o Supremo Tribunal pediu que fossem implacavelmente exterminados.

– Disse que o casal foi assassinado há seis meses. Porquê o interesse agora?

– Há muitas Raginis nas nossas aldeias, mas as histórias delas nunca são vistas nem ouvidas. Quero realçar a opressão aterrorizadora que uma rapariga normal do campo enfrenta, na Índia rural, se der primazia ao amor sobre o medo.

Ao ouvi-la falar de forma tão apaixonada, começo a sentir aquela sensação de entorpecimento e peso que me assaltava na escola sempre que algum professor me fazia uma pergunta cuja resposta eu não sabia. De alguma forma, os meus olhos parecem sempre saltar por cima das histórias macabras de esposas maltratadas, noivas queimadas e jovens violadas nos nossos jornais.

Para mudar de assunto, olho em volta.

– Onde está a sua equipa com as câmaras?
– Não tenho – responde Shalini. – Esta é apenas uma viagem de pesquisa, para obter informações.

– Mas, o que acontece se uma jornalista de televisão, como você, encontra por acaso uma história inesperada?

– Nesse caso, isto torna-se a minha câmara – diz ela, agitando o telemóvel. – Tem um sensor CMOS de doze megapixéis que me permite gravar vídeos de 640 por 480 a 30 fps. Mais ainda, posso enviá-los diretamente do telemóvel, basta ligar-me através da Internet ao nosso *website* específico.

Agora ela está a falar a minha língua. Envolvemo-nos numa discussão animada sobre os méritos dos mais recentes *smartphones*. Algum tempo depois, a conversa muda para filmes hindis. Quando chegamos a Panipat, já estabelecemos uma ligação confortável uma com a outra.

– Bem, boa sorte – desejo a Shalini enquanto ela se prepara para desembarcar. Trocamos números de telefone e prometemos manter o contacto, mas é uma daquelas promessas casuais que os companheiros de viagem fazem uns aos outros, sabendo perfeitamente que os seus caminhos podem nunca mais se cruzar.

Depois de Panipat, a estrada até Karnal está congestionada e atormentada por um tráfego complicado. Com os seus mercados movimentados e apartamentos de luxo, no meio de uma paisagem verdejante, Karnal parece um centro provinciano próspero. Não tenho tempo para explorar a cidade nem ver as joias de contas de prata ocas pelas quais é famosa, pois tenho de apanhar outro autocarro para Chandangarh, que ainda fica a quarenta quilómetros dali. Desta vez, o veículo é um *Ashok Leyland* velho e enferrujado e a estrada é um caminho de terra e gravilha esburacado. A incómoda viagem de uma hora até Chandangarh deixa-me enjoada e com dor de cabeça. No entanto, ao bater do meio-dia, estou na aldeia do senhor Kuldip Singh.

O grande homem veio esperar-me em pessoa.

– Venha, venha, *beti* – diz, à laia de boas-vindas. – A sua chegada enche de felicidade o meu coração. – Veste a habitual camisa e *dhoti*, e o seu bigode de pontas reviradas está magnífico, como sempre. Entramos no *Toyota Innova*, conduzido por um motorista, e arrancamos, deixando uma nuvem de poeira atrás de nós.

– Alguma vez estive numa aldeia? – pergunta-me Kuldip Singh.

Nego com a cabeça. Fui uma rapariga cidadina toda a vida, e tive apenas vislumbres fugazes de aldeias, das janelas de comboios e autocarros. A minha ideia da vida rural ainda está ancorada nas aldeias idílicas representadas nos filmes de Bollywood, onde belas donzelas cantam canções populares atrevidas em campos verdejantes e as pessoas levam vidas alegres, descomplicadas e comunitárias. É a primeira vez que ponho os pés numa aldeia real.

– A aldeia de Chandangarh tem três mil habitantes – informa-me.

– É menos de um décimo dos habitantes só do Setor 11 de Rohini – comento.

– Ainda não compreendo como conseguem viver em prédios de tantos andares, suspensos entre a terra e o céu. – Ri-se. – Nós, os aldeões, não conseguimos imaginar viver num sítio onde não tenhamos um teto sobre a cabeça e chão sólido sob os pés. É a isso que chamamos terra, que chamamos lar. A terra é o nosso lar. O nosso lar é a terra.

Passamos por uma série de quintas, equipadas com tratores, furos artesianos e debulhadoras. A estrada já não é toda de terra, tem algumas secções pavimentadas com pedras de granito. Um agricultor, na sua motorizada, acena-nos quando passamos por ele.

– Então quando é que a sua aldeia teve eletricidade? – pergunto.

Ele olha para mim com ar ligeiramente aborrecido.

– Não sabe que Haryana foi o primeiro estado da Índia a dar eletricidade a todas as aldeias, já em 1970? E agora todas as aldeias estão ligadas por estradas empedradas. A única coisa que a nossa